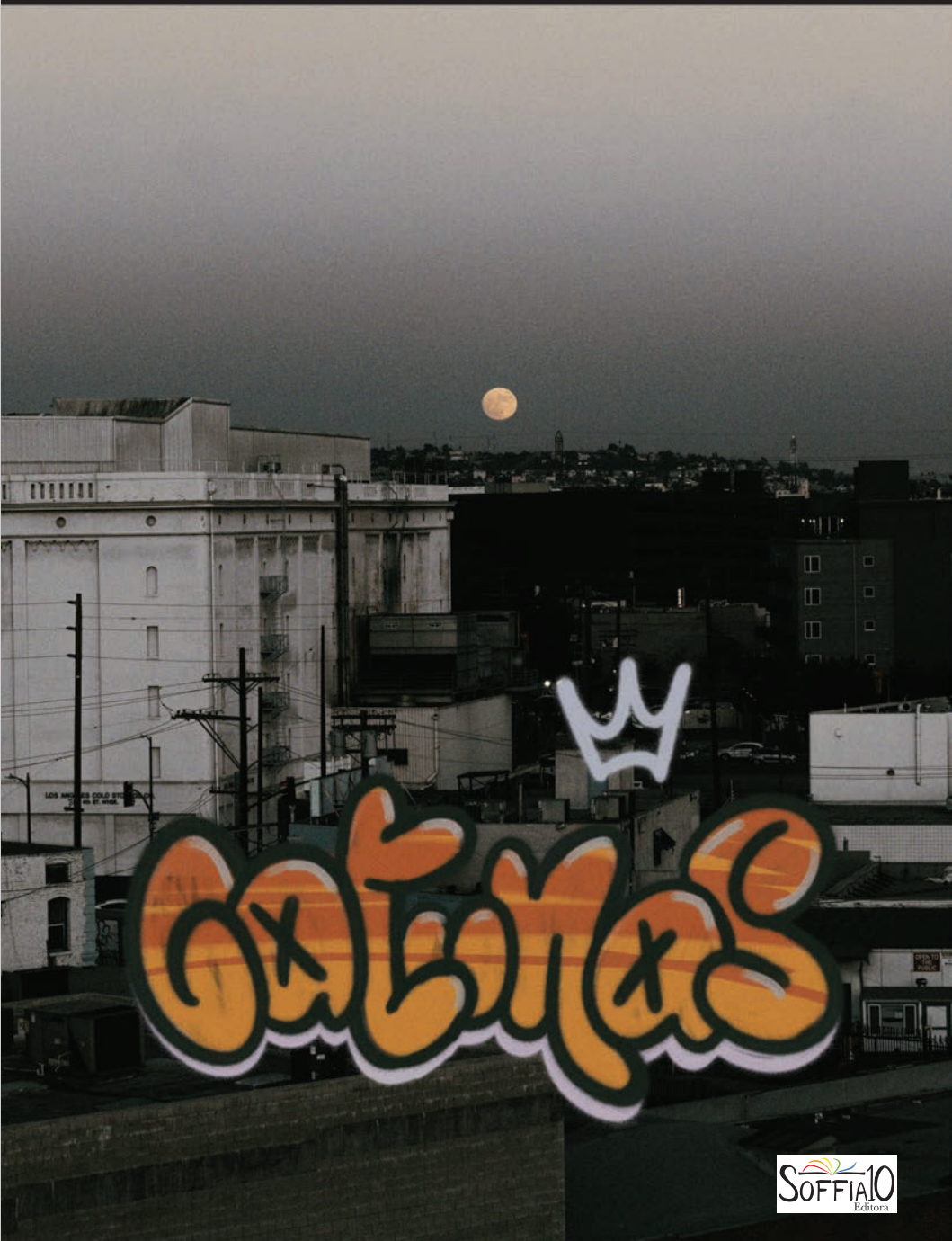


Clara Romariz

Colaboração de

Roama, Alice Ciappa, Amanda Cervilho, Nalessa Paraizo e Terena França



© Coletivo Mulheres, Políticas Públicas e Sociedade – MUPPS, 2024.

Todos os Direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem prévia autorização, por escrito, do Coletivo MUPPS.

GATUNAS



COLETIVO MUPPS

Rua Travasso de Fora, 92

40415-285 – Bonfim- Salvador – Bahia

E-mail: coletivomupps@gmail.com

GATUNAS

CLARA ROMARIZ

Colaboração de

ROAMA, ALICE CIAPPA, AMANDA CERVILHO,

NALESSA PARAIZO e TER ENA FRANÇA

The logo for Soffia10 Editora features the word "SOFFIA10" in a stylized, black, serif font. Above the "10" is a colorful graphic of a fan or a stylized "10" with rays in shades of red, orange, yellow, green, and blue. Below "SOFFIA10" is the word "Editora" in a smaller, black, sans-serif font.

SOFFIA10
Editora

Salvador

2024

Título original

Gatunas

Projeto gráfico e Diagramação

Bianca Daebis

Ilustração da Capa

Flora Trindade (Fliras)

Revisão

Clara Romariz e Maise Silva

Coordenadora Editorial

Maise Silva

Editoria

Soffia10

Editoração Eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Romariz, Clara

Gatunas [livro eletrônico] / Clara Romariz ; colaboração de Roama Santana, Alice Ciappa, Amanda Cervilho, Nalessa Paraizo e Terena França. – Salvador, BA : Soffia10 Assessoria Socioculturais e Educacionais : Coletivo Mulheres, Políticas Públicas e Sociedade – MUPPS,

PDF

ISBN 978-65-85847-02-5

1. Ciclo menstrual 2. Dignidade 3. Direitos reprodutivos 4. Dramaturgia 5. Sexualidade 6. Teatro (Drama) I. Santana, Roama. II. Ciappa, Alice. III. Cervilho, Amanda. IV. Paraizo, Nalessa. V. França, Terena. VI. Título.

24-194774

CDD-792.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgia brasileira : Teatro : Artes da representação 792.81

Soffia10 Editora

Av. General Labatut, 40

40720-152 – Periperi – Salvador – Bahia

E-mail: bltalmeida@gmail.com

Telefone: (71) 99121-3193

AGRADECIMENTOS

Ao Fundo Canadá para Iniciativas Locais.

À Coordenação Ecumênica de Serviço – CESE

À Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia

*Ao Teatro Martim Gonçalves da Escola de Teatro da
Universidade Federal da Bahia*

À Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia

Ao Teatro SESI Rio Vermelho

À Profa. Dra. Renata Cardoso (ETUFBA)

*Às Organizações parceiras e colaboradoras do Programa
Meu Ciclo, Minha Vida*

À Acerola Companhia de Teatro

À Produtora SANKOFA LAB Produções

Às Escolas da Rede Pública participantes

À todas soteropolitanas

*À todas as pessoas que contribuíram direta, ou indireta-
mente, para concretização da primeira apresentação do
espetáculo.*

Dramaturgia escrita a partir do Projeto

Meu Corpo, Minha Vida: Caminhos e

Descaminhos da Dignidade Menstrual

apoiado pelo

Fundo Canadá de Iniciativas Locais

Canada 

 **CFLI/FCIL**
Fundo Canadá para
Iniciativas Locais

SUMÁRIO

Apresentação	8
Nota introdutória	11
Personagens	15
Contexto da narrativa	16
Descrição da história	17
Ato único	18
Cena 01	18
Cena 02	20
Cena 03	23
Cena 04	25
Cena 05	27
Cena 06	30
Cena 07	33
Cena 08	36
Cena 09	38
Cena 10	40

APRESENTAÇÃO

Gatunas surgiu de um desejo em falar da melhor maneira sobre um assunto tão denso, como é a temática sobre direitos sexuais e reprodutivos, que inclui dignidade menstrual.

Por muitos dias, durante o processo criativo, ficamos muitas horas lendo relatos de mulheres e meninas sobre como foi a primeira menstruação, qual era a relação que elas tinham com isso e o que já deixaram de fazer por estarem menstruadas. Conhecemos histórias engraçadas, trágicas e até um pouco romantizadas. Nós íamos nos identificando com os sentimentos de todas elas, percebendo a cada linha que nenhuma experiência era única e como essa peça deveria trazer a conexão entre mães, filhas, avós, irmãs e amigas para que houvesse a reflexão sem o ódio ao próprio corpo e a algo tão

natural que deveria ser priorizado dentro da área da saúde pública.

Em um dos ensaios, estávamos improvisando com cenas dos trechos do livro “Presos que menstruam”; uma das histórias narrava que a sala de visita íntima no presídio feminino estava tão abandonada que gatos começaram a usar como casa. Tudo começou ali.

Com a troca dos olhares, as gargalhadas e a cumplicidade das atrizes narrando os acontecimentos terríveis – eram cenas das mais tristes e miseráveis que vimos durante o processo. Mas, o jeito que elas contavam durante os ensaios iniciais, vimos que deixava a narrativa tão trágica mais leve e trazia esperança.

GATUNAS oferece uma abordagem única e criativa para sensibilizar o público sobre questões importantes, como a dignidade menstrual e os direitos sexuais das mulheres. Acreditamos que explorando esses temas através das experiências das gatas, é possível criar uma conexão emocional

com o público jovem, tornando-os mais receptivos à reflexão e à mudança.

A narrativa também destaca as disparidades sociais e as dificuldades enfrentadas por mulheres em diferentes contextos, incentivando a empatia e a solidariedade. Essa iniciativa não apenas educa e forma público mas, também, inspira ações e diálogos significativos sobre igualdade de gênero e justiça social.

Roama e Alice Ciappa

NOTA INTRODUTÓRIA

Como falar de dignidade menstrual e direitos reprodutivos numa obra artística sem soar panfletário ou simplório? Temas tão relevantes para o mundo, um grande tabu na sociedade. Menstruação! Palavra que assusta, provoca risos incômodos, lágrimas incômodas. Para abordar essa temática eu e as diretoras Alice Ciappa e Roama, optamos por seguir um caminho menos óbvio, um caminho lúdico. Três gatas que moram em locais desestruturados se reúnem para jogar o jogo da lua, disputando um rato. Neste, elas encenam histórias dos humanos de suas casas para ver quem contará a melhor narrativa e ganhará o tão sonhado prêmio.

As gatas moram em locais muito pobres e, como na dramaturgia, mesmo sendo uma linguagem escrita, a oralidade é o que prevalece, é importante

fazer um adendo aos desavisados. Para que o que está escrito no papel não soe, ao sair da boca das atrizes, um texto duro, frio, com cara de texto escrito, que está sendo lido e não falado na hora como um pensamento que sai pela boca, é preciso usar muito mais elementos da fala cotidiana do que da norma culta, formal, escrita. Quando escrevi falas de Safira, por exemplo, uma mulher que foi presa, a primeira coisa que fiz foi pesquisar como mulheres reais encarceradas falam. Sabemos que há muitas encarceradas no Brasil e que há diversas formas de falar, mas para parecer real, eu precisava acessar certo imaginário social. Pesquisei no livro “presos que menstruam” para, através da escrita jornalística e de entrevistas com presidiárias, entender como poderia soar a fala de Safira, a maneira que ela junta as palavras, a escolha de cada uma. E assim, aos poucos, na pesquisa, na escuta atenta do dia-a-dia, na leitura e na escrita, surge uma dramaturgia.

Clara Romariz

ESPETÁCULO ENCENADO PELA PRIMEIRA VEZ EM 2024

Equipe Técnica da 1ª Montagem e apresentação

Direção: Alice Ciappa e Roama

Texto original: Clara Romariz

Elenco: Amanda Cervilho, Nalessa Paraizo e Terena
França

Preparação Vocal: Cele Brandão

Preparação corporal: Dani Botero

Cenografia: Elis Brito e Letícia Conde

Iluminação: Milena Pitombo

Operação de luz: Tainá de Souza

Figurino: Alice Ciappa

Maquiagem: Gabriela Gusmão

Costureira: Érica Alves

Co-produção: Cia Acerola de Teatro e Sankofa Lab
Produções

Direção de produção: Monalisa Barbosa e Clara
Mariani

Arte Gráfica: Fliras

Assessoria de imprensa: Sara Lima

Filmagem e fotografia: Ananda Mariposa

Realização: Coletivo de Mulheres, Política Públicas
e Sociedade – Coletivo MUPPS

Apoio: Fundo Canadá para Iniciativa Locais e Coor-
denadoria Ecumênica de Serviço

PERSONAGENS

CONDESSA

Gata que mora na casa de uma mulher muito pobre com uma filha, suas donas não tem dinheiro para comprar ração.

DOLORES

Gata que mora em um presídio feminino, às vezes ela consegue se alimentar dos restos de comida das presas.

ESTRELA

Gata que mora em um reformatório para meninas e moças. Por não ser permitido que as meninas criem bichos, Estrela é criada escondida e quase nunca tem uma refeição, pois não podem deixar evidências de que há um animal naquela instituição.

CONTEXTO DA NARRATIVA

Cada gata mora em um lugar diferente, possuem seus motivos para estar passando fome e por isso precisam toda noite sair de casa para caçar um rato:

Todas as gatas presenciam histórias dentro do contexto de dignidade menstrual, direitos sexuais e reprodutivos das mulheres que acontecem nos lugares em que moram: mãe que deixa de comprar comida para comprar um pacote de absorvente para filha, mulheres presidiárias que usam jornal durante o período menstrual pois não tem absorvente o suficiente para todo o ciclo menstrual, meninas que por negligência do estado são maltratadas em consultas pelo sistema de saúde pública com ginecologista, entre outras. São essas mesmas narrativas que as gatas contam em noite de Lua Cheia.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA

Três gatas se encontram todas as noites para disputar um rato para comer, porém quando é noite de lua cheia, elas jogam o “Jogo da Lua”- que consiste em cada uma contar uma história para a lua; vence o jogo quem contar a história da melhor forma. A ganhadora fica com o rato.

ATO ÚNICO

CENA 01

(Noite, uma rua escura com túneis e lixo em volta. Dolores e Condessa estão em cena. Aguardam, disfarçadamente, Estrela chegar. Estrela chega, sorrateira, em cena para anunciar que a cidade dormiu e podem iniciar a caça ao rato. As três gatas cantam a canção “Cidade Dorme” – do grupo musical Tangolo Mangos)

A cidade dorme tão serenamente
Quantos os automóveis
Correm atropelando cães

As listras do asfalto, a poluição
Contrastam com os
Anúncios vistos na televisão

A cidade dorme
A linda cidade dormiu

*(Nesse momento, um rato surge em meio às gatas.
Elas se encaram, preparando-se para a disputa.
Continuam a canção)*

As latas de tinta
A preguiça
As sirenes de polícia
Acho que o sonho acabou

(Iniciam uma briga pelo rato. Ficam um tempo brigando, até que Condessa percebe que é noite de Lua Cheia. Estrela e Dolores continuam brigando, sem perceber a lua.)

CENA 02

CONDESSA (*encara público*) – Vocês viram?

DOLORES – O que?

ESTRELA – O que?

CONDESSA – Olha quem acabou de chegar?!

ESTRELA – Quem?

DOLORES – Quem? Quem?? Quem???

CONDESSA – Pra que essa ansiedade toda? Hein?
(*pausa*) Não é possível que vocês não estejam vendo.

ESTRELA e DOLORES – Quem??

CONDESSA – Ela! A mais luminosa da rua, a dona da noite, a que é tão, mais tão bonita que não tem foto que revele e não estou falando de mim, não dessa vez.

ESTRELA – Nossa guia!!

DOLORES – Nossa guardiã!!

CONDESSA – E vocês sabem que, se ela, a lua, já está lá no alto do céu, quer dizer que está na hora.

(As gatas começam a arrumar o espaço para se preparar para o Jogo Da Lua. Enquanto arrumam, conversam.)

ESTRELA – Eu que deveria ter prioridade pra ficar com o rato, porque a comida de lá de onde eu moro acabou; as meninas comeram tudo!

DOLORES – Também, com um monte de criança esfomeada...

ESTRELA – Ah, olha quem fala, como se onde você mora fosse tudo muito melhor!

DOLORES – Pelo menos na minha casa...

ESTRELA *(interrompendo)* – Hahaha, “casa”!

CONDESSA – Dolores! Estrela!

DOLORES – Você não tem o direito, Estrela, de zombar do lugar onde eu mo...

ESTRELA (*interrompendo*) – Você que começou! Cadê o rato, pra onde ele foi? Não podemos começar sem o rato...

CONDESSA – Meninas, achei!

ESTRELA – Quem vai começar dessa vez?

CONDESSA – Eu vou!

(Condessa dá instruções para Dolores, como se dirigisse a cena. As gatas arrumam o espaço para contar a história. Condessa interpretará a filha e Dolores, a mãe. Elas agem como se fossem gatas imitando o ser humano enquanto encenam as histórias.)

CENA 03

(Uma mãe e uma filha estão em um casebre pobre, feio e sujo. A filha, de 10 anos, está sentada na mesa, comendo. A mãe arruma a mochila da filha.)

FILHA – Mainha, vem cá

MÃE – Hum...

(Silêncio.)

MÃE – O gato comeu sua língua, foi? Fala, menina!

FILHA – É que eu tenho vergonha. *(Ri, sem graça. Breve silêncio. Mãe encara a filha)* Sabe a Júlia?

MÃE – Que Júlia? Aquela sua amiga mirradinha com cara de anêmica?

FILHA *(sorrindo)* – Que horror! *(Bruscamente)* Ela mesma. É que... ela me disse que... Saiu sangue dela. *(aponta para a vagina, fala baixo)* Daqui. Ela vai morrer?

MÃE – Se ela continuar sem comer feijão, vai. Parece que não tem ferro no corpo. Mas, menina, ninguém morre de, isso é... É normal, é... Não é assunto de criança.

FILHA – Eu não sou criança. Eu sou pré-adolescente

MÃE – Imagine quando for “aborrescente”...

FILHA – Quê?

MÃE – Nada, nada. Agora come seu ovo que vai ficar ruim. Aí você deixa esfriar, como sempre, e acaba desperdiçando. Eu já te disse que não se desperdiça comida. Sabia que tem gente aí fora passando fome?! Você acha que eu sou o quê? Dona de granja? Não, senhora. Não, não, não. Não na minha casa.

FILHA (*com ovo na boca*) – Ela vai morrer, mãe?

MÃE – Que morrer o que?! Anda, você tá atrasada!

(*Silêncio.*)

CENA 04

(Estrela e Condessa voltam para o corpo de gatas.)

DOLORES – Ah, eu não gostei não!

CONDESSA – Quê?

DOLORES – Achei muito sem emoção.

CONDESSA – Sem emoção... Como assim sem emoção?

DOLORES – Ô coisona, a menina menstruou. Nada demais. Normal. Agora, qual a utilidade de contar essa história? Mudou o que no mundo?

ESTRELA – Toda história tem que mudar o mundo?

DOLORES – Não é isso, é que... é que....

ESTRELA – É que você não gostou, tá. Mas isso faz com que a história seja ruim? Esse tipo de coisa acontece muito!

CONDESSA – Tanto acontece que aconteceu. Exatamente assim. Lá em casa!

DOLORES (*impaciente*) – A gente sabe, Condessa, são as normas do jogo da lua. Toda noite de lua cheia, temos que contar as histórias que vimos por aí. Mas assim como você tem todo o direito de contar qualquer história eu tenho o direito de não gostar da sua história. Independente de ter acontecido na sua casa ou não.

CONDESSA – Não gostou?! Faz melhor!

DOLORES – Isso é um desafio?

CONDESSA – Se você entendeu assim...

ESTRELA – Eita!

DOLORES – Então tá bom!

(Dolores dá instruções para Estrela.)

CENA 05

(Dolores interpreta uma detenta e Estrela a Jornalista. A presidiária está sentada no chão de uma cela. Faz muito calor, a umidade toma conta do local. Cheiro de urina. Uma jornalista chega no local para entrevistar a detenta.)

DETENTA – Que tipo de jornalista é a sra. que nem câmara tem?!

JORNALISTA – Não deixaram trazer...

DETENTA – Claro! Posso não ter estudo, mas de uma coisa eu sei: nunca que iam deixar a senhora tirar foto daqui. Aqui mais falta do que tem. Não precisa fingir que o cheiro é bom não, nós sabe que esse lugar cheira a mijo e porcaria. A descarga do vaso tá aí, quebrada há mais de mês e nada. Nada de nada.

(Silêncio.)

DETENTA – Mas o que a senhora quer saber?

JORNALISTA – O que você quiser me contar.

(Silêncio.)

JORNALISTA – Qual o seu nome?

DETENTA – Nome de lá de fora não tenho mais não. Agora meu nome é Safira.

JORNALISTA – Que nome lindo... Mas por que Safira?

DETENTA – Safira é rara, transparente e dura igual pedra.

JORNALISTA – Como você veio parar aqui, Safira?

(Silêncio.)

DETENTA(*constrangida*) – Meu cunhado, Dona, matou um home. Mas não era flor que se cheire não, mereceu o fim que teve. Tocou na minha menina lá na roça. E aí meu cunhado deixou o corpo lá em casa e fugiu. Algum desgraçado denunciou e ai... Já tô nesse inferno há 5 ano, falta 10. A senhora tem absorvente aí?

JORNALISTA – Não... Sinto muito.

DETENTA – Hum...

JORNALISTA – Mas vocês não recebem absorvente todo mês?

DETENTA (*Rindo*) – A senhora usa quanto de absorvente por mês, um pacote? 8 absorvente dá pra sangue de 5 dias? Dá pra viver assim? Tá vendo aquele jornal no chão? É ele que vou colocar na calcinha daqui a pouco. Quando a gente tem pão tem que escolher entre comer e colocar aqui dentro. Dá pra viver assim? Maria tava grávida de 4 meses. Sangrou semana passada que nem um porco e não botaram um médico pra ver a pobre. Tá com febre. O bebê deve tá apodrecendo lá dentro. Mas, se ela morrer, é uma a menos pra eles alimentar. Dá pra viver assim? Ein? Dá pra viver?

CENA 06

(Dolores e Estrela voltam para seus corpos de gata.)

ESTRELA – E... Agora exagerou demais!

CONDESSA – Também achei, Dolores é muito dramática!

ESTRELA – Toda vez que jogamos ela aumenta a história, isso é trapaça, viu?!

DOLORES – Epa! Pois fiquem sabendo que isso acontece todo dia onde eu moro e EXATAMENTE desse jeito, viu?!

ESTRELA – Ah, pelo amor de Deus! História para boi dormir, melhor, pra cachorro dormir...

(Condessa e Estrela dão risada.)

ESTRELA *(imitando Dolores e rindo)* – Hahaha, olha como ela faz: “Ah, que não sei o que, porque eu moro no presídio! Ah, que não sei o que lá, eu sofro mais que vocês! Vejam como eu não tenho dignidade!” Hahaha!

(Dolores fica sem graça, meio cabisbaixa)

CONDESSA – Tá tudo bem, Dolores?

DOLORES – Claro que sim. Porque não estaria?

CONDESSA – Você parece.... parece...

ESTRELA – Estranha...

CONDESSA – ESTRELA!

ESTRELA – Tá: você parece... “diferente” ...

DOLORES – É só que.... fazer essa cena me deixou meio... meio assim, sabe?

(Breve silêncio)

ESTRELA – Não.

CONDESSA – É, não sei não...

DOLORES – Me fez lembrar que eu tô sempre lá no presídio, com elas e eu sei que não podem me dar muita coisa.. Era tudo tão diferente antes de eu morar lá...

ESTRELA – E por que você não vai embora de uma vez?

DOLORES – Porque se elas não tiverem a mim, o que vão ter? Eu nunca deixaria minhas donas sozinhas e... também eu só tenho esse teto pra morar..

CONDESSA – Não precisa explicar, Dolores, estamos aqui com você!

(Momento de união das gatas)

ESTRELA – Tá tudo muito lindo, mas estamos perdendo o foco! A lua não vai ficar a noite toda aqui, bora voltar pro jogo?!

DOLORES – Estrela só sabe falar! Quero ver fazer! É sua vez, vai logo.

(Estrela dá instruções para Condessa.)

CENA 07

(Estrela interpreta uma adolescente e Condessa uma ginecologista.)

MÉDICA – Então, o que você quer?!

PACIENTE – É... Eu queria...

MÉDICA *(interrompendo)* – Ô garota! Eu não tenho o dia todo. Diga de uma vez!

PACIENTE – Eu não sei como dizer...

MÉDICA – Com a boca. Anda logo, fala!

PACIENTE – Eu... Tô sentindo um caroço aqui no peito. Eu acho que...

MÉDICA – Tira a roupa e deita.

PACIENTE – Mas eu nem terminei de...

MÉDICA – Tem uma fila aí fora...

PACIENTE – Doutora, eu...

MÉDICA – Você quer ou não quer saber o que você tem?

(Silêncio. A paciente tira a roupa e deita. A médica começa a examinar suas mamas sem nenhum cuidado.)

PACIENTE – Ai! Ai! Isso doeu...

MÉDICA – A médica aqui é você?!

PACIENTE – É que tá do...

MÉDICA – Você vai me deixar trabalhar?! Quanto mais você ficar quieta, mais rápido isso termina.

PACIENTE – Doutora, por favor...

MÉDICA – Pare de besteira! Isso nem doi tanto, engula o choro.

A médica termina de examinar.

MÉDICA – Me parece que você está com síndrome do ovário policístico.

PACIENTE – Ová – poli o quê?!

MÉDICA – É. Vai precisar fazer alguns exames para confirmar.

PACIENTE – Será que eu já posso marcar para amanhã?

MÉDICA (*rindo*) – Você acha mesmo que uma menina como você, do reformatório, tem prioridade só porque tá com suspeita de ovário policístico?! Você é uma menor infratora! Um perigo pra sociedade! Seria melhor nem te encaminhar para um tratamento.

(Condessa começa a rir da fala da médica.)

CENA 08

ESTRELA – Não estou achando graça, Condessa!

CONDESSA – Hahaha! Parece piada isso aqui!

ESTRELA – Piada?!

CONDESSA – Por que os humanos falam assim?

ESTRELA – Assim como?

CONDESSA – Assim (*imita humanos, fazendo graça*)

DOLORES – Gatitas, eu tava pensando aqui e... acho que já deu de jogo né? Calma, calma, gente, deixa eu explicar. Cada uma de nós já apresentou um momento da sua casa e, sinceramente, nenhuma história ficou boa...

ESTRELA – Principalmente a de Condessa, né. Aquela histórinha...

CONDESSA – É o que?

DOLORES (*para si*) – Não to crendo que vou ter que intermediar de novo essa baixaria. Que chatice.

CONDESSA – O que foi que você disse?

ESTRELA – Isso mesmo que você ouviu!

CONDESSA (*brigando com Dolores*) – Você faz isso comigo só porque eu tenho uma casa.

ESTRELA – Não posso fazer nada se a história é ruim.

CONDESSA – Ruim? Eu fui injustiçada, vocês nem deixaram eu terminar!

DOLORES (*agoniada, com pressa*) – A Lua vai sumir em algumas horas... E se ela sumir não vamos saber quem ganhou o jogo. Acho que nossa guardiã não quer nem mais ouvir a gente...

ESTRELA – Ô! Com uma história pior que a outra, eu mesma não ia querer escutar vocês! Hahaha, “A história das Gatas com Graça”: A sem graça, a nem de graça e desgra...

(Todas começam a rir muito.)

CONDESSA – Vou terminar então! Se me permitem...

CENA 09

MÃE – Se ela continuar sem comer feijão, vai. Parece que não tem ferro no corpo. Mas, menina, ninguém morre de, isso é... É normal, é... Não é assunto de criança.

FILHA – Eu não sou criança. Eu sou pré-adolescente

MÃE – Imagine quando for “aborrescente”...

FILHA – Quê?

MÃE – Nada, nada. Agora come seu ovo que vai ficar ruim. Aí você deixa esfriar, como sempre, e acaba desperdiçando. Eu já te disse que não se desperdiça comida. Sabia que tem gente aí fora passando fome?! Você acha que eu sou o quê? Dona de granja? Não, senhora. Não, não, não. Não na minha casa.

FILHA (*com ovo na boca*) – Ela vai morrer, mãe?

MÃE – Que morrer o que?! Anda, você tá atrasada!

FILHA – Não foi a Júlia que sangrou. Fui eu.

(Silêncio.)

MÃE – Vem aqui, menina. Olha pra mim. Me dá esse dinheiro!

FILHA – Mas mainha, eu posso comprar o pão, não é por isso que eu falei que...

MÃE – Você agora é uma moça! Precisa ficar com medo não, passarinha. Encosta aqui. Amanhã a gente come o pão.

FILHA – Mas a gente vai comer o que hoje, mãe?

MÃE – Eu ainda não sei... Vou lá na farmácia comprar um absorvente pra você. E na volta te explico direitinho como usar. Tá bom? A partir de agora algumas coisas vão mudar, você vai ter que tomar mais cuidado.

FILHA – Tô com medo, mainha.

MÃE – Eu vou estar sempre, sempre, sempre aqui com você. Estamos juntas. Tome esse pano aqui, use ele enquanto vou na farmácia, não saia daqui de casa até eu voltar.

CENA 10

ESTRELA – Foi pra isso que você pediu pra finalizar a história?

CONDESSA – AAAh, Estrela! Uma hora dessa?! Me deixe em paz.

DOLORES – Acho melhor a gente terminar esse jogo, a Lua vai sumir...

ESTRELA – Verdade! E agora, quem ganhou o jogo da lua?

CONDESSA – Eu, né?! Com toda certeza.

(Condessa pega o rato, vitoriosa. Rapidamente, Dolores pega o rato da mão de Condessa.)

DOLORES – Nada disso! Eu que ganhei! Minha história foi a melhor.

ESTRELA – Até parece! Me dá isso aqui *(toma o rato de Dolores)*! Eu que ganhei.

CONDESSA – Que injusto! Sua história foi muito ruim.

(Iniciam uma nova briga pelo rato. Até que elas perdem o rato.)

ESTRELA – Meu Deus! De novo?!

DOLORES – Ah não! Perdemos o rato?

(Elas procuram o rato. Condessa acha o rato.)

CONDESSA – Achei!

ESTRELA – Ótimo! Pode me dar.

DOLORES – Não, não, não! Pode ME dar.

CONDESSA – Epa! Assim não vale.

ESTRELA – Eu também acho! A lua não brilhou para nenhuma de nós, então nenhuma ganhou.

DOLORES – Então vamos recomeçar o jogo?

CONDESSA – Ah, não...

ESTRELA – Isso! É melhor assim!

(As gatas começam a rearrumar o espaço como no início. Elas ficam conversando, em burburinho, sobre as regras do jogo enquanto arrumam e reclamando sobre ter que começar tudo de novo. A luz vai diminuindo aos poucos quando elas começam a dar instruções umas para as outras sobre as histórias e tentando decidir quem começa.)

(Luz se apaga.)

F I M.



Dramaturga Clara Romariz

CLARA ROMARIZ é escritora, dramaturga, atriz e diretora.

Em 2016 ingressou na universidade LIVRE do teatro vila velha, onde completou sua formação em 2018, mesmo ano em que ingressou na Companhia Teatro dos Novos (Teatro Vila Velha), na qual esteve até 2021. Atualmente cursa direção teatral pela Universidade Federal da Bahia.

Já participou de aproximadamente 30 espetáculos teatrais, entre eles “Por que Hécuba” (ganhadora do prêmio Braskem de teatro de melhor espetáculo do ano), “Hamlet e Ofélia”, “Varal” (direção, atuação e texto seus) e “Sonata” (direção e adaptação de texto seus).

Já escreveu diversas peças de teatro, entre elas: “Nasceu”, “Abismo”, “Cinzas” e “Clausura”. Atualmente se dedica a pesquisa sobre as múltiplas vozes de representação do feminino.

Apoio à primeira montagem e apresentação

Canadá



Sistema FIEB

